



## **Colonialidade e resistência: os impactos da imposição linguística nos povos indígenas de Roraima**

**Coloniality and Resistance: the Impacts of Linguistic Imposition on the Indigenous Peoples of Roraima**

**DOI:** <https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i1.1751>

Submissão: 05/02/26

Aprovação: 08/03/26

**Angela Maria da Silva Araujo**

<https://orcid.org/0009-0006-9161-7664>

**Anarcindo Onesimu Waiwai**

<https://orcid.org/0009-0003-6202-0779>

**Isabella Coutinho Costa**

<https://orcid.org/0000-0002-2586-8928>

### RESUMO

Os efeitos do colonialismo não se limitaram ao período colonial, eles se estendem até os dias atuais e moldam as relações de poder e as estruturas sociais brasileiras. A imposição da língua portuguesa, a catequização e a desvalorização das línguas indígenas são heranças desse processo histórico que se perpetuam e geram diversos impactos de apagamento cultural e linguístico. Com todas essas consequências, surge a indagação: de que forma o colonialismo e a colonialidade impactaram/impactam a linguagem e a cultura dos povos indígenas de Roraima? Para responder a essa pergunta, analisamos fontes históricas e etnográficas sobre os casos específicos da conversão religiosa dos povos Wai Wai e a criação de ortografias Wapichana. Os estudiosos que embasaram esse estudo sobre a colonialidade no processo de conversão religiosa e criação de ortografias foram: Quijano (1992), Grosfoguel (2007), Souza (1998) e Franchetto (2008).

Palavras-chave: Colonialidade. Povos indígenas. Língua. Cultura.

## ABSTRACT

The effects of colonialism are not limited to the colonial period; they extend to the present day and shape Brazil's power relations and social structures. The imposition of the Portuguese language, catechization, and the devaluation of indigenous languages are legacies of this historical process that persist and generate various impacts of cultural and linguistic erasure. With this, the question arises: in what way did colonialism and coloniality impact/impact the language and culture of the indigenous peoples of Roraima? To answer this question, we analyzed historical and ethnographic sources on the specific cases of the religious conversion of the Wai Wai people and the creation of Wapichana orthographies. The scholars who underpinned this research process of coloniality in the process of religious conversion and creation of orthographies were: Quijano (1992), Grosfoguel (2007), Souza (1998) and Franchetto (2008).

Keywords: Coloniality. Indigenous peoples. Language. Culture.

## 1 Introdução

A exploração territorial na colonização do Brasil e a busca por ampliação de poder deixaram marcas devastadoras na história do país e, principalmente, na história dos povos originários. A imposição da língua e da cultura europeia foi uma ferramenta essencial para a consolidação de poder, que apagou a cultura e a língua de milhares de etnias indígenas.

Ademais, é importante destacar que, mesmo séculos após o fim do colonialismo, os efeitos deste período ainda se perpetuam de modo mais implícito e aceito pela sociedade. A colonialidade é, também uma das formas de impor e exterminar culturas, saberes e línguas. Diante dessa conjuntura, é importante compreender: de que forma o colonialismo e a colonialidade impactaram/impactam a linguagem e a cultura dos povos indígenas de Roraima?

Tal questão pode ser evidenciada a partir de uma observação dos efeitos da colonialidade no estado de Roraima, localizado na fronteira norte do Brasil, estado brasileiro com maior quantidade proporcional de

pessoas indígenas. Pessoas pertencentes a etnias que sofreram (e ainda sofrem, em determinada medida) com a tentativa de apagamento de seus ritos, cosmologias e língua, tudo isso demonstrado por uma história de resistência e luta por preservação de sua identidade. Ao analisar o caso específico dos povos indígenas de Roraima, busca-se investigar a relação entre a criação de ortografias missionárias para as línguas indígenas e a perda de elementos culturais específicos.

Para a realização deste trabalho, adotou-se o método qualitativo, que, segundo Minayo (2014, p. 57), se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, entendidas como produtos das interpretações que os sujeitos constroem sobre suas formas de viver, sobre os artefatos que produzem e sobre si mesmos. Nesse sentido, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar as experiências dos povos Wai Wai (Karíb) e Wapichana (Aruák), buscando evidenciar a presença da colonialidade do poder, do saber e do ser no processo de imposição linguística e cultural. A fundamentação teórica apoia-se, sobretudo, nos aportes de Quijano (1992) e Grosfoguel (2007), cujas reflexões permitem compreender a colonialidade como estrutura persistente nas dinâmicas sociais e epistemológicas latino-americanas. Recorre-se, ainda, às contribuições de Souza (1998) e Franchetto (2008), especialmente no que se refere aos processos de criação de ortografias e às implicações desses processos para o apagamento e a hierarquização cultural.

A análise do material fundamentou-se em uma abordagem qualitativa interpretativa, orientada por princípios da análise de conteúdo, com vistas à identificação de categorias relacionadas às diferentes dimensões da colonialidade. Ao mesmo tempo, atentou-se para os discursos que revelam processos de hierarquização linguística e cultural, aproximando a leitura de uma perspectiva crítica, capaz de problematizar as estruturas de poder subjacentes às narrativas históricas e às práticas de normatização linguística.

## 2 Colonização e hegemonia cultural

A dominação territorial foi o objetivo primordial que deslocou os portugueses nas grandes navegações no século XVI. Tal busca por riquezas trouxe consigo também a necessidade de hegemonia e de apagamento da cultura e da língua dos povos originários das terras em que buscavam conquistar. Essa afirmativa é evidente no trecho da carta do escrivão das navegações, Pero Vaz de Caminha, destinada a D. Manuel I, ao chegar no território em que hoje é o Brasil:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé. (Caminha, 1962, p. 12)

A partir desse trecho, fica evidente que os portugueses tinham a intenção de apagar a língua dos povos indígenas, pois dominar por meio da língua, seria, para eles, uma das estratégias de poder mais eficazes no primeiro contato. Essa prática veio acompanhada da tentativa de anular a cultura indígena, sustentada por uma visão eurocêntrica de superioridade cultural. Nesse contexto, buscava-se impor a ideia de um “verdadeiro Deus”, a quem os indígenas deveriam confiar e temer, levando-os a obedecer aos representantes da fé. Dessa forma, a dominação religiosa contribuía para facilitar a submissão dos povos indígenas e a exploração do território.

Assim, foram então empregadas as missões jesuíticas, responsáveis pela conversão religiosa e educação dos povos indígenas e, durante esse processo, Paiva (1982, p. 102) destaca: “Diálogo intercultural não houve, nem mesmo se vislumbrou sua possibilidade. A religião foi entregue pronta (o máximo que se fez foi alguma contemporização com efeito inoperante) e a prática dos mandamentos rigorosamente exigida”. Essa afirmativa comprova a imposição cultural e religiosa realizada pelos jesuítas, aliada ao poder mercantil e aos demais interesses da coroa, tudo muito planejado para não só “conquistar” novos cristãos, como também gerar obediência aos colonos, facilitando a adesão à mão de obra escrava indígena.

Para isso, foi imperativo conhecer algumas línguas faladas pela maioria dos povos nativos como o Tupi antigo, com a descrição das línguas gerais realizadas por José de Anchieta e Luís Figueira no século XVII, para possuir uma melhor comunicação com uma parcela dos povos, produzir materiais para a conversão católica, ensinar-lhes a língua portuguesa e obter êxito na catequização realizada, pois como proposto por Caminha na carta sobre o contato inicial, era necessário entender a língua desses povos para assim apresentar-lhes a crença. É interessante notar, e mostraremos isso mais adiante, que pouca coisa mudou para a catequização evangélica junto aos povos indígenas realizada no século XXI.

Assim, após os indígenas aprenderem a falar a língua portuguesa, eles eram introduzidos à escola jesuítica, onde aprendiam a cantar, ler e escrever, além de aprender sobre a gramática latina e o ensino profissional agrícola (Aparecida, 2006, p. 123). Desse modo, com este ensino sobre a agricultura, os povos nativos deixariam seus costumes de pesca e caça e realizariam as atividades essenciais da manufatura para a colônia, para assim alcançar os objetivos dos jesuítas e dos colonizadores.

Ademais, é relevante destacar que todo esse processo ocorreu em meio a resistências e lutas de muitos indígenas que não aceitaram a tentativa de dominação imposta pelos colonizadores e jesuítas, o que acarretou massacres e fuga de grande parte da população nativa. Conforme Paiva (1982, p. 80): “As dificuldades não eram apenas lingüísticas: como vimos, tratava-se de um embate de culturas. Os índios não assistiram passivos a dominação da terra: eles se defendiam em todos os sentidos e, quando não o podiam, fugiam”.

Dessa forma, ao analisar o processo de colonização, é evidente que o colonialismo possui questões que vão para além da geopolítica. Os portugueses, assim como outros colonizadores, em busca de ampliação de poder, não se restringiam apenas a conquista do território. Pela sua visão eurocêntrica, buscavam também a hegemonia cultural e linguística, o que acarretou o esmagamento cultural e linguístico dos povos originários por meio da imposição da cultura e da língua portuguesa.

### 3 Colonialismo e colonialidades

O colonialismo foi, por muito tempo, predominante no Brasil, o que deixou diversas consequências culturais, religiosas e políticas para a sociedade. Concomitante a isso, mesmo após 1822, depois do “fim” do colonialismo, os atos coloniais não foram totalmente extintos da sociedade, fazendo-se presente com uma nova roupagem, com um novo modelo de dominação, mais moderno e mais aceito: tem-se assim a era da colonialidade — conceito criado por Quijano (1992) para apontar a permanência das estratégias coloniais na atualidade. Este conceito foi também expandido e abordado por Grosfoguel (2007, p. 219):

Nisto reside a pertinência da distinção entre “colonialismo” e “colonialidade”. Colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas por culturas e estruturas coloniais no sistema-mundo capitalista/moderno/colonial/patriarcal. “Colonialidade do poder” se refere a um processo de estruturação crucial no sistema-mundo moderno/colonial que articula regiões periféricas na divisão internacional do trabalho com a hierarquia racial/étnica.

A partir dessa distinção entre colonialismo e colonialidade realizada por Grosfoguel (2007), são nítidas as formas de dominação colonial persistentes na sociedade moderna, que molda culturas, estruturas econômicas e linguísticas no sistema-mundo atual. Assim, gera inúmeros impactos nas sociedades, seja pela segregação racial, priorização de ensinamentos europeus, apagando costumes, línguas e identidade dos povos, a apresentar os conhecimentos originários dessas populações como inferiores, gerando o apagamento identitário e a exclusão cultural.

Dessa forma, a colonialidade de poder no Brasil se manifesta com a continuidade das práticas coloniais, agora realizadas não só pelo europeu, mas pelo povo brasileiro. Tais práticas se manifestam, não apenas pelo apagamento cultural dos povos indígenas, mas principalmente pela exploração de recursos naturais, causando o genocídio de diversas etnias indígenas. Entre diversos casos, podemos citar como exemplo o Massacre do Paralelo 11, em 1960, quando membros do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e fazendeiros realizaram doação de alimentos com arsênico para indígenas da etnia Cinta Larga e dizimaram

mais de 3.500 pessoas, e Yanomamis, que devido ao garimpo ilegal, passaram por emergência e genocídio nos últimos anos.

Figura 1. Devastação da terra Yanomami



Fonte: Site de notícias G1 Roraima

A Figura 1 evidencia a dinâmica de colonialidade de poder ao destacar a devastação ambiental provocada pela exploração ilegal do território Yanomami. A imagem não representa apenas um impacto ecológico, mas a materialização de uma lógica histórica de dominação, na qual o território indígena é reduzido à condição de recurso explorável. Nesse sentido, a exploração mineral ilegal não se dissocia da estrutura colonial que hierarquiza vidas e naturaliza a violação de direitos, definindo quais existências podem ser sacrificadas em nome do lucro e do desenvolvimento. A permanência dessas práticas demonstra que a colonialidade do poder opera para além do período colonial, atualizando-se nas formas contemporâneas de ocupação e expropriação territorial.

Além da violência material, essa estrutura sustenta a hierarquização de saberes e culturas, o que se concretiza na colonialidade do saber, responsável por legitimar um modelo único de conhecimento e por apresentar a história e a cultura ocidental como universais e superiores. Como afirma Lander (2005, p. 14):

Os diferentes recursos históricos (evangelização, civilização, o fardo do homem branco, modernização, desenvolvimento, globalização) têm todos como sustento a concepção de que há um padrão civilizatório que é simultaneamente superior e normal. Afirmando o caráter universal dos conhecimentos científicos eurocêntricos, abordou-se o estudo de todas as demais culturas e povos a partir da experiência moderna ocidental, contribuindo desta maneira para ocultar, negar, subordinar ou extirpar toda experiência ou expressão cultural que não corresponda a esse dever ser que fundamenta as ciências sociais (Lander 2005, p. 14).

Tal ponto é evidente a partir de uma breve observação sobre as vertentes de ensino, a prioridade de ensino a respeito da história europeia que reproduz o europeu como herói mundial, responsável pelo progresso, detentor de todo conhecimento e protagonista da história da humanidade, em oposição aos indígenas, retratados como ingênuos, passivos ou bárbaros.

Todos esses métodos de construção, e, principalmente, de manipulação histórica, propiciados pelo colonialismo e herdados pela colonialidade do saber e do poder, geraram e geram inúmeros impactos aos países colonizados e aos povos originários destes. Tais impactos podem ser descritos como: a desvalorização das línguas, dos costumes, das cosmologias e da medicina indígena, desconsideração do legado, do protagonismo e da resistência desses povos face à imposição cultural e linguística dos europeus.

Assim, desencadeia-se então a colonialidade do ser, conceito elaborado por Quijano, Whash, Lander, Mignolo e outros estudiosos, ao analisar os efeitos coloniais. Para Quijano (1992, p. 12): “a colonialidade consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados”. Assim, a colonialidade do ser é composta por influências e cicatrizes deixadas pelas implementações coloniais, ou seja, são as consequências sofridas pelos colonizados que influenciam na subjetividade do indivíduo, na identidade cultural e linguística, que foi denominado como colonialidade do ser.

Dessa forma, as heranças do colonialismo e da colonialidade refletem não apenas no poder territorial, como também nas heranças culturais, nas línguas, nos conhecimentos ancestrais, na identidade e na memória subjetiva de cada indivíduo afetado, ultrapassando as barreiras de domínio capitalista e gerando efeitos incalculáveis.

#### **4 Os impactos da colonialidade nas culturas e nas línguas indígenas de Roraima**

É inegável que o colonialismo influenciou significativamente a cultura coletiva e individual dos povos indígenas em todo o território brasileiro. Aspectos como cosmologias, organização social, rituais, religião e língua foram impactados de modo relevante no país.

No contexto das estratégias missionárias desenvolvidas na região do Rio Branco, destaca-se a atuação na fazenda do Calungá, espaço que funcionava como centro de catequese e disciplinamento indígena. Conforme descreve Vieira (2003, p. 127):

“Esse tipo de ‘convite’ não se restringia somente às crianças; muitos adultos passaram pelo Calungá, permanecendo sob a tutela dos religiosos por dois a três meses, no período do inverno, época em que não havia a pastoral da desobriga. Esse era o momento utilizado pelos religiosos para se familiarizarem e aprenderem, principalmente, a falar as línguas macuxí e wapixana. Dessa forma conseguiam traduzir e ensinar-lhes as orações, para que esses fossem, numa linguagem mais contemporânea, agentes multiplicadores em suas comunidades. Além disso, no período em que os índios se ‘hospedavam’ na fazenda do Calungá, serviam como mão-de-obra nas dependências da ordem.”

A citação evidencia que a catequese dos povos Macuxi e Wapichana não se limitava à evangelização, mas articulava-se a um projeto mais amplo de controle linguístico, religioso e laboral. O aprendizado das línguas indígenas pelos missionários não tinha caráter de valorização cultural, mas instrumental: tratava-se de um meio para traduzir orações e formar intermediários indígenas que difundissem a doutrina cristã em suas comunidades, reforçando a colonialidade do saber e do poder.

Portanto, torna-se imprescindível abordar os efeitos do colonialismo e da colonialidade sobre a religião e sobre a língua dos povos indígenas de Roraima, com o enfoque nos povos Wai Wai e Wapichana, tendo como ponto de partida as contribuições de Souza (1998) e Franchetto (2008) acerca desses impactos.

#### 4.1 A conversão religiosa do povo Wai Wai

Em 1949, os missionários Hawkins tiveram o primeiro contato com os povos Wai Wai, o que inicialmente foi conflituoso, e somente após meses obteve-se diálogo. Devido à colonialidade do saber, os missionários acreditavam possuir um deus ideal, e isso fez com que, mesmo após a colonização, os irmãos acreditassem na necessidade da realização de catequizações. Com este objetivo, os irmãos Hawkins se empenharam em aprender a língua dos povos Wai Wai e adquirir maior ligação com a comunidade para facilitar o processo de conversão. Assim, desenvolveram materiais pedagógicos e a tradução da Bíblia para a língua Wai Wai para captar novos fiéis.

Souza (1998, p. 98) destaca que nesse processo os missionários obtiveram êxito, e logo alguns dos Wai Wai convertidos já espalhavam o evangelho cristão na comunidade. Mesmo que alguns integrantes da comunidade demonstrassem resistência para abdicar dos costumes ancestrais originários da etnia, ao longo dos anos, os representantes Wai Wai expandiram o evangelho até mesmo para os povos vizinhos, e a conversão obteve maior alcance.

Com toda essa expansão, os missionários conseguiram a catequizações evangélica do povo Wai Wai com grande sucesso, e aprender a língua foi o principal facilitador desse processo. Por isso, muitos missionários têm se empenhado em aprender as línguas indígenas, para assim, conversar, conhecer e convencer, pois a língua garante uma taxa de sucesso maior na colonização dos povos.

Assim, instaurar uma grafia definitiva para cada língua sempre é meta inicial desses linguistas-colonizadores. No entanto, durante a catequizações, muitos equívocos descritivos podem ser realizados, seja

devido à “lógica” fonêmica, ou pela descrição baseada apenas na adaptação da língua nacional. Sobre isso, Franchetto (2008, p. 8) afirma:

A grafia “adequada” é sempre a psicofonêmica ou simplesmente fonêmica; nela, os símbolos, os grafemas, correspondem a unidades fonológicas (fonemas). Um segundo critério diz respeito à necessária adaptação à escrita da língua nacional; a escolha de grafemas é, assim, limitada pelos já existentes no alfabeto da língua nacional. Enfim, a língua indígena é instrumento para uma alfabetização-ponte cujo objetivo é facilitar a aprendizagem da língua dominante, transmitida por etapas, antes em sua forma oral, depois na própria escrita.

Dessa forma, esse formato colonial de descrição linguística, com apenas transcrição fonética e adaptação da língua dominante, fez com que tanto as descrições de missões evangélicas quanto as descrições de missões católicas apresentassem falhas. Essas falhas também ocorreram pela desconsideração das particularidades das línguas indígenas, pois durante essas missões, o objetivo maior era traduzir, a modo do colonizador, a língua originária desses povos, para ensinar não só o evangelho como também a língua dominante.

Assim, a colonialidade do poder e do saber fez-se presente durante toda essa ação. Primeiro, com a tentativa de contato pautada em apenas levar a mudança de religião e costumes, com a percepção europeia de paternalismo e salvação dos que para eles viviam de forma inapropriada, por não partilharem das mesmas crenças e costumes que a cultura dominante. Segundo, por utilizar a língua apenas como ferramenta de conversão, desconsiderando todo o arcabouço cultural e a cosmovisão de um povo presente na língua, e pela imposição de uma descrição gramatical da língua dominante na língua colonizada.

#### 4.2 A influência da colonialidade na criação de ortografias

Em Roraima, os efeitos da colonialidade do saber e do ser ocorreram principalmente também com os povos Wapichana. Segundo Franchetto (2008), isso se deu tanto pela descrição pautada na língua inglesa da Guiana Inglesa, quanto pela lógica fonêmica de representar cada fonema com uma letra ou grafema, além do procedimento de aportuguesamento da língua realizado pelos Whapichana do Brasil.

Após essas ortografias, falantes Wapichana notaram as incoerências das descrições dos evangélicos e dos católicos e buscaram resolver essas falhas com a elaboração de uma nova ortografia e de uma nova cartilha, esta agora elaborada pelos próprios Wapichanas. Franchetto (2008) selecionou algumas palavras de cada uma das ortografias no quadro a seguir:

Figura 2: Ortografias da língua Wapichana conforme dados de Franchetto, 2008.

	Crentes	Católicos	Wap	Cartilha
"fogo"	tikaz	tikier	tiquierr	tikier, tikiez
"banana"	suuz	ser	sir	sur, sir, syz, syyz
"sapo"	kibaro	kibero	quibiaru	kibiero, kibieru
"cobra"	koazaz	kuarrarra	cuarrarra	kuarara, koarara, kuazaz
"tatu"	kapashi	kapaxe	capache	kapaxi

Fonte: Franchetto, 2008.

Por meio dessa seleção, é possível notar, na grafia desenvolvida por católicos e evangélicos, a forte presença de elementos da língua inglesa, incluídos pela descrição linguística colonial pautada na língua do colonizador inglês (da Guiana). Enquanto, na ortografia Wap, desenvolvida pelos próprios Wapichanas, é possível notar a tentativa de mudança ortográfica com a exclusão de grafemas "estrangeiros" como o |k|, o |z|, e o |x| presentes na tradução missionária da Guiana (utilizados pelos Wapichanas da Guiana) que possuía forte influência da língua inglesa.

Essa exclusão, no entanto, se baseava na substituição de um aspecto de descrição linguística colonial por outro, pois a ortografia Wapichana prendia-se no aportuguesamento das palavras para uma aceitação maior da língua no país. Isso marca a colonialidade do saber e do ser presente na criação das ortografias Wapichanas, a partir da subalternização da sua própria língua, considerando a cultura e a linguagem dominante como a primordial.

Felizmente, após um período, com resistência e estudos de linguistas comprometidos com a língua e com integrantes da comunidade, esta colonialidade na ortografia dos Wapichanas foi superada, e o aportuguesamento radical foi substituído por uma identificação da língua Wapichana como uma língua verdadeira que não precisava se moldar na grafia do colonizador. Como pontua Franchetto (2008) após sua missão na criação da nova cartilha Wapichana:

A discussão caracterizou-se por duas tendências concomitantes, mas contraditórias, para o rigor de um lingüista : de um lado, o desenvolvimento de uma sensibilidade às peculiaridades fonéticas e fonológicas do wapichana; do outro, a rejeição da abstração da escrita puramente fonêmica dos evangélicos. Assim, chegou-se a registrar com cuidado as vogais longas, fonêmicas, (syz, syyz), e a oclusiva glotal, outro fonema do wapichana. Ao mesmo tempo, porém, deixou-se à “nova” grafia uma margem de liberdade para a fidelidade fonética, distinguindo-a, desse modo, da escrita “lógica” dos lingüistas missionários norte-americanos (Franchetto, 2008, p. 17).

Por meio deste trecho sobre a criação da cartilha Wapichana, a autora evidencia a resistência dos povos indígenas de Roraima sobre a colonização e sobre a colonialidade, com o abandono do aportuguesamento e dos aspectos puramente fonêmicos da descrição evangélica, além de livrar-se da escrita lógica dos missionários, reconhecendo as particularidades de sua língua, e libertando-se da colonialidade do ser e do saber presentes nas descrições linguísticas anteriores. Assim, a língua Wapichana passa a ser reconhecida como uma verdadeira língua, deixando de marginalizar os elementos que a individualizam.

## 5 Considerações finais

A partir dos estudos realizados, tornam-se evidentes os efeitos da colonização e da colonialidade, impulsionados pela conversão religiosa e pela criação de ortografias missionárias utilizadas para subalternizar as culturas e as línguas indígenas, expandir o poder e hierarquizar os saberes. Tendo como objetivo não só possuir domínio territorial em grande escala, como também submeter os povos indígenas a uma ordem social hegemônica.

Por meio deste trabalho, foi evidente que os objetivos da coroa portuguesa de compreender as línguas indígenas, para posteriormente impor a língua portuguesa e converter as etnias ao cristianismo e dominar o

território, não se restringiu ao período colonial, nem mesmo a coroa. Pois, mesmo após o fim do colonialismo, essa realidade se mantém presente por meio da colonialidade do poder, do saber e do ser, com a exploração de recursos naturais de terras demarcadas, genocídio de etnias, catequização e a subalternização dos saberes indígenas e protagonismo histórico.

Tais pontos foram comprovados com o caso específico dos indígenas do estado de Roraima, com a tradução da língua Wai Wai apenas com objetivo de conversão religiosa e no caso Wapichana pela descrição linguística missionária pautada na língua inglesa e aportuguesamento da língua, realizado pelos Wapichana do Brasil, marcando a presença da colonialidade do ser nesse processo que considerou a língua portuguesa como superior a língua Wapichana, desconsiderando as particularidades da sua identidade linguística.

Além disso, foi possível notar o protagonismo dessas etnias em resistir a conversão e preservar os seus costumes ancestrais, e no empenho em criar novas ortografias, agora criadas por povos da etnia em parceria com linguistas que buscaram representar a língua e respeitar a identidade linguística e cultural, resistindo a colonialidade presente no ser colonizado.

Uma prova dessa política autóctone, para usar o termo cunhado por Silva, Costa e Mello (2020) é o protagonismo indígena no desenvolvimento de materiais didáticos e descritivos sobre a língua. No caso dos Wapichana, podemos citar o desenvolvimento de gramáticas pedagógicas no âmbito do Programa de Documentação de Línguas Indígenas (ProDoclin), do Museu dos Povos Indígenas (FUNAI) e, no caso dos Wai Wai, a elaboração de um dicionário multimídia da língua por um professor indígena Wai Wai, a partir de demanda da comunidade e da sua vivência profissional, conforme publicado no site <https://japiim.linguasyanomami.com/dic/waiwai/index.php>. São iniciativas dessa natureza que nos mostram que os povos indígenas estão atentos às formas diversas de colonialidade que os cercam, mesmo que ainda haja muita luta pela frente, a resistência tem valido a pena.

## Referências

- APARECIDA, Solange. O currículo no Brasil colônia: proposta de uma educação para a elite. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 115-140, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=695476940012>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963.
- FRANCHETTO, Bruna. A guerra dos Alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 31-59, abr. 2008.
- GROSGOUEL, Ramon. **The epistemic decolonial turn beyond political-economy paradigms**. v. 21, Cultural Studies, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1080/09502380601162514>. Acessado em 12/11/2025.
- LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- PAIVA, José. **Colonização e catequese**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992. p. 437-449.
- RAMALHO, Yara; OLIVEIRA, Valéria. Terra Yanomami completa 30 anos com maior devastação da história causada pelo garimpo. **G1 RR**, Boa Vista, 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/05/25/terra-yanomami-completa-30-anos-com-maior-devastacao-da-historia-causada-pelo-garimpo.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- SILVA, Marcus Vinicius; COSTA, Isabella Coutinho; MELLO, Cristiani Dália de. Políticas Autóctones e línguas indígenas em Roraima: o caso do povo Ye'kwana. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 773-785, 2021.
- SOUZA, Jorge Manuel Costa. **Os Waiwai do Jatapuzinho e o Irresistível Apelo à Modernidade**. 1998. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

Vieira, Jaci. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra - 1777 a 1980.** 2003. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.